



A juventude da Teologia da Libertação¹

Youth of Liberation Theology

Flávio Munhoz Sofiati *

Resumo

O objeto de análise deste artigo é o processo de formação da PJB, isto é, seu método pedagógico e suas opções políticas. A análise se desenvolve a partir de uma contextualização histórica que busca identificar as mudanças ocorridas no método da PJB nas décadas de 1980 e 1990. Conclui-se que, durante os anos 1980, a PJB enfatizava a dimensão política em suas atividades de formação e participava dos diversos movimentos sociais que se organizavam em torno da proposta de redemocratização do Brasil. No entanto, nos anos 1990 ocorre uma reformulação do método, o qual passa a direcionar a formação para as dimensões pessoal e teológica, com uma prática voltada para o interior da Igreja Católica. Contribuíram com essas mudanças fatores internos, como o retorno do movimento pentecostal no cenário religioso católico que dificultou a articulação da PJB com os grupos de jovens paroquiais, e fatores externos, como o advento da cultura pós-moderna na sociedade brasileira que trouxe consigo o predomínio de práticas individualistas, isto é, destituídas de base coletiva/comunitária.

Palavras-Chave: Religião. Juventude. Catolicismo. Teologia da Libertação. Pastorais da Juventude.

Abstract

This article analyzes the process of formation of PJB: its pedagogical method and its policy options. The analysis is developed through a historical context that identifies the changes in the method of PJB in the 1980s and 1990s. The text shows that during the 1980s PJB emphasized the political dimension in their training activities and participated in the various social movements that were organized around the proposed re-democratization of Brazil. However, in the 1990s came a reformulation of the method that emphasized the education of the personal and theological dimensions, encouraging a practice directed towards the interior of the Catholic Church. Some factors contributed to these changes. As an internal factor, the article mentions the return of the Pentecostal movement in the Catholic religious scenery, which hindered the articulation of the PJB with the parish youth groups. As an external factor the text cites the advent of postmodern culture in Brazilian society that brought the predominance of individualistic practices devoid of collective sense.

Keywords: Religion. Youth. Catholicism. Liberation Theology. Youth Pastoral.

Artigo recebido em 15 de abril de 2012 e aprovado em 29 de maio 2012.

¹ Este artigo apresenta parte dos resultados de estudo realizado por este autor sobre as Pastorais da Juventude do Brasil. A íntegra da pesquisa está no livro “Juventude católica: o novo discurso da Teologia da Libertação” com previsão de publicação para 2012.

* Doutor em Sociologia pela USP, professor Adjunto da Universidade Federal de Goiás. País de origem: Brasil. E-mail: sofiati@gmail.com

Introdução

Este artigo apresenta uma análise sócio-histórica do método de evangelização utilizado pelas Pastorais da Juventude do Brasil (PJBs) junto aos grupos da Igreja Católica (IC). A proposta visa a compreender o processo de formação desses grupos juvenis no contexto da Teologia da Libertação.

O termo “processo de formação” é entendido aqui como o conjunto dos métodos pedagógicos e das opções políticas assumidas pela PJB em seu desenvolvimento histórico. Esse processo é composto por vários elementos que norteiam a formação do jovem católico nas pastorais. Dentre eles, destaca-se a opção pelo trabalho em pequenos grupos de base e a utilização do método ver-julgar-agir-rever-celebrar, concebido como um modo de inserção e olhar sobre a realidade social e religiosa do país.

A PJB, que está inserida na estrutura da IC por intermédio do Setor Juventude e do Conselho Nacional do Laicato no Brasil da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) defende a tese de que os jovens devem ser organizados pelos próprios jovens, apresentando-os como protagonistas de sua ação evangelizadora. É possível identificar nos textos oficiais da IC que o objetivo geral da PJB é promover um encontro pessoal e comunitário com Cristo, para que o jovem se comprometa com a libertação do homem e da sociedade, levando uma vida de comunhão e participação (CELAM, 1987). Nessa perspectiva, a evangelização da juventude é feita da seguinte maneira:

Como a realidade da juventude é diversificada, em todos os seus aspectos a PJB deve organizar, desde a nucleação, um processo de formação integral na fé, com passos pedagógicos apropriados, partindo da realidade e da experiência concreta de cada pessoa e grupo, despertando-a para o seguimento de Jesus Cristo e o compromisso com a causa da libertação dos oprimidos e marginalizados. (CNBB, 1998, p. 145)

Pelo fato de assumir as diretrizes de ação evangelizadora da CNBB², a PJB é compreendida como um segmento da juventude católica. Nesse sentido, uma de suas principais metas é organizar os jovens para assumir o ponto de vista da IC no Brasil. Por esse motivo, em documentos da PJB, identifica-se sua presença nos bairros de periferia por

² A CNBB realiza anualmente, na cidade de Itaici-SP, sua assembleia geral que planeja e avalia as ações da Igreja Católica no Brasil a partir de diretrizes que são renovadas em períodos de três anos.

meio da Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP), no meio rural por meio da Pastoral da Juventude Rural (PJR), nas escolas por meio da Pastoral da Juventude Estudantil (PJE) no meio urbano e nas paróquias por meio da Pastoral da Juventude (PJ)³. Todas essas pastorais específicas são parte da PJB e suas principais características são o protagonismo juvenil, a proposta de evangelização que parte da realidade do jovem, a apresentação da figura de Jesus Cristo como amigo e companheiro, a promoção da vivência comunitária da fé, a promoção do senso crítico e a proposta de fomentar uma pastoral de conjunto (CELAM, 1987).

A IC possui em seu interior vários movimentos e pastorais, sendo que a PJB está ligada à Teologia da Libertação (TL) que se originou na América Latina, a partir da convergência das mudanças internas e externas sofridas pela instituição católica no final dos anos 1950. A TL tem como perspectiva interpretar a realidade latino-americana à luz do evangelho, utilizando termos e conceitos marxistas, além de fazer a “opção preferencial pelos pobres”, isto é, uma escolha política pautada pela noção de classe social. Assim, a PJB atua nos vários segmentos da sociedade – escola, zona rural, meios popular e urbano – com a consciência de que nesses diferentes meios estão presentes as diferenças de classes e, em consequência, as diferentes necessidades da juventude. No entanto, em seus documentos está presente uma proposta de mudança da realidade brasileira sem apresentar de forma clara um projeto de transformação, afirmando que não é papel da IC desenvolver plataforma política, mas, sim, por intermédio dos cristãos na sociedade, participar de sua elaboração.

Pode-se afirmar que a PJB é a reatualização de uma corrente histórica da IC que teve seu início nos anos 1950 com a Ação Católica Especializada, que contribuiu para o surgimento da TL e, nos dias de hoje, está presente nas pastorais sociais. Nessa perspectiva, a partir dos documentos e textos da IC, analisam-se os elementos que compõem o método de formação da PJB, principalmente, com base em dois documentos que marcam sua trajetória. O primeiro é o documento n. 44 da Coleção Estudos CNBB, editado em 1984,

³ Até 1993 a Pastoral Universitária (PU) também fazia parte da PJB, mas pela concepção de que não deveria ser apenas uma pastoral de jovens, mas uma pastoral para todos os que estão na universidade – professores, funcionários e alunos –, deixou de fazer parte da estrutura da PJB a partir da 10ª Assembleia Nacional, transferindo-se do Setor Juventude para o Setor de Educação da CNBB.

logo após o 4º Encontro que marcou o início da articulação nacional da PJB. Esse documento resgata todo o processo de gênese da PJB e norteia sua ação durante toda a década de 1980. O segundo documento é uma reedição do primeiro e também pertence à Coleção Estudos CNBB: o documento n. 76, que foi publicado em 1998 e representa o avanço acumulado pela PJB e as mudanças de concepções em seu método de trabalho com a juventude católica. Há um terceiro material, o documento n. 93, que estabelece a atual estrutura de organização da juventude católica. Todavia, diferente dos anteriores, trata-se de um texto que abrange todas as outras maneiras de organização juvenil presentes no interior do catolicismo e, portanto, não é neste artigo objeto de análise.

A interpretação do processo de formação da PJB, seus métodos pedagógicos e suas opções políticas, possibilitam o entendimento do que representa o modelo da IC, fundamentado pela TL, no contexto religioso e social nacional. Em virtude de sua influência nos movimentos sociais – os jovens católicos que passam pelo processo de formação na pastoral, na maioria das vezes participam de algum movimento social como associações, sindicatos, ONGs, partidos e levam a formação adquirida para esses movimentos –, torna-se importante a análise das linhas de pensamento que sustentam a IC e sua política pastoral referente à população jovem e católica.

1 Características da formação: objetivos e opções

O principal referencial da PJB na década de 1980 foi o documento da CNBB n. 44, que sistematizou e definiu linhas de ação da IC no ambiente juvenil. Esse documento, fortemente influenciado pelas definições das Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano de Medellín (1968) e Puebla (1979), afirma que o objetivo principal do trabalho era ajudar o jovem a se transformar em “Homem Novo por meio de uma autêntica vivência do Evangelho, impulsionando o jovem a evangelizar seu meio específico de acordo com os valores cristãos” (CNBB, 1983, p. 22). Essa definição tem como significado que a hierarquia teve na PJB o instrumento principal de trabalho com a juventude, pois, em todo esse período, o único documento elaborado pela IC sobre juventude foi o documento n. 44, desenvolvido especificamente para discutir as pastorais da juventude. Define-se nesse documento que o papel da PJB era fomentar o senso crítico e a capacidade de analisar a

sociedade; formar jovens para transformar as estruturas; ajudar o jovem a ligar sua fé com o compromisso social e político; e levar o jovem a conhecer criticamente o marxismo, o capitalismo liberal e a *doutrina da segurança nacional* para assumir o *humanismo cristão* como perspectiva de superação das estruturas sociais injustas presentes em toda a América Latina.

Nesse período, conhecido como a fase de elaboração teórica, ocorre a consolidação da proposta de uma pastoral organizada nacionalmente e articulada entre suas especificidades. Fez-se a opção por uma pedagogia da ação que continha os seguintes critérios: a) pedagogia experiencial, que parte da experiência concreta do jovem com o objetivo de conhecê-la, aprofundá-la e transformá-la; b) pedagogia transformadora e libertadora, visando, mutuamente, a uma profunda transformação pessoal e social; c) pedagogia comunitária, que busca uma experiência fraterna e evangelizadora; d) pedagogia do testemunho, que tenha coerência entre o que se fala e o que se pratica; e) pedagogia participativa, na qual o evangelizado participa ativamente de seu processo de evangelização; f) pedagogia personalizante, que assume o jovem em sua condição pessoal e social; e g) pedagogia pastoral integral, isto é, que integra processos cognitivos, afetivos e ativos (CELAM, 1987).

Como grande parte dos movimentos sociais e setores envolvidos em trabalhos com as classes populares, a pastoral também foi influenciada pelo método de formação desenvolvido pelo pedagogo Paulo Freire. Inclusive, um dos centros de apoio da PJB, o *Centro de Capacitação da Juventude*, de São Paulo, editou um livro do próprio autor sobre trabalho com as classes populares. Com Paulo Freire, as pastorais entenderam que não bastava “querer mudar” a sociedade, é preciso “saber mudar”, sendo necessário para isso desenvolver um método, um caminho claro para alcançar esse objetivo. Dessa forma, o clero define a PJB como a ação organizada dos jovens cristãos que visa à transformação da sociedade, sendo uma forma de conhecer e seguir Jesus Cristo. “A PJ é a ação organizada e celebrada do jovem situado, na ótica do pobre, visando a um mundo de fraternidade” (BORAN; DICK, 1983, p. 17). Em um subsídio elaborado por A. Altoé (1988, p. 18-19) são definidos trinta princípios que norteiam o método pedagógico e as opções políticas da pastoral:

- 1) Amar o jovem e fazer com que ele se sinta amado.
- 2) O jovem deve ser sujeito da ação pastoral.
- 3) Dar a razão de ser das coisas e ajudar o jovem a compreendê-la.
- 4) Apresentar um projeto de Homem novo, Igreja e sociedade que sejam sinal da presença do Reino de Deus.
- 5) Valorizar as pequenas coisas e os pequenos passos caminhados.
- 6) Gostar daquilo que os jovens gostam. Assim os jovens gostarão daquilo que nos agrada. Cativar o jovem.
- 7) Estar sempre presente junto aos jovens. Fazer-se presença amiga. Ter familiaridade com os jovens, sobretudo nos momentos livres.
- 8) Colocar-se em atitude de escuta, de compreensão, de diálogo. Criar um clima de confiança cordial.
- 9) Procurar fazer-se amar, se quer fazer-se respeitar.
- 10) Aprender com os jovens, numa relação educador-educando, evangelizador-evangelizando.
- 11) Acreditar na capacidade dos jovens dando oportunidades para eles se organizarem e assumirem compromissos no próprio meio. Confiar nos jovens.
- 12) Ter coerência entre o que se anuncia e o que se vive.
- 13) Fazer as coisas por convicção, assumindo com responsabilidade as exigências para o crescimento pessoal e para a convivência no grupo.
- 14) Conquistar o coração do jovem através do diálogo, pois só depois de conquistar o coração é que se pode propor, com eficácia, os valores da educação.
- 15) Servir ao jovem: colocar-se a disposição. Trabalhar COM e não PARA o jovem. Estimular a criatividade.
- 16) Fazer as correções e observações em particular, de modo fraterno e discreto.
- 17) Cultivar o otimismo e a alegria.
- 18) Ser solidário para com os jovens.
- 19) Compreender o jovem situado concretamente em seu meio.
- 20) Partir sempre da realidade concreta em que o jovem se encontra.
- 21) Atender ao jovem em seu meio específico.
- 22) Fazer ver a realidade de conjunto e sua complexidade.
- 23) Proporcionar uma formação integral aos jovens.
- 24) Conhecer a história da pessoa, da comunidade, da Igreja, da sociedade. Criar e manter a consciência histórica e crítica.
- 25) Avaliar após cada atividade e ter paciência histórica.
- 26) Saber aproveitar os conflitos para caminhar; para isso analisá-los metodologicamente.
- 27) Trabalhar em pequenos grupos e caminhar integrados às CEBs.
- 28) Conquistar e ocupar espaços, mesmo que pequenos.
- 29) Conhecer a si mesmo e o contexto social.
- 30) Fazer uso do método ver-julgar-agir-rever-celebrar.

Altoé sintetiza as características essenciais do método de formação das pastorais da juventude. Nesses princípios estão inseridas todas as dimensões da formação e da ação pastoral do catolicismo diante da juventude. Em relação à opção pelos empobrecidos, esta possui um teor sociopolítico e teológico-pastoral, que fundamenta sua argumentação a partir das seguintes afirmações: a maioria da população é empobrecida; a juventude empobrecida carrega consigo uma força libertadora; essa é uma opção de toda a Igreja; é

uma resposta à situação de injustiça; a palavra de Deus só é entendida e vivida a partir da ótica do empobrecido; Jesus Cristo tomou partido dos pobres (BORAN; DICK, 1983).

A partir dos apelos do Evangelho, a PJB opta preferencialmente pelas classes populares e pelos jovens delas, por serem a maioria e vítimas de uma estrutura social injusta. As classes populares são o lugar social de onde se analisa toda a sociedade e se percebe o desafio da construção de uma sociedade sonhada por Deus (CNBB, 1983). Portanto, a opção pelos jovens empobrecidos tem como significado olhar a sociedade a partir do lugar social do pobre. Essa tomada de posição leva a PJB a formar seus jovens na perspectiva de transformação das estruturas sociais que oprimem o empobrecido.

A IC, na década de 1980, tinha como perspectiva, no trabalho com o jovem, partir de uma pastoral geral, do grupo de jovens que iniciava sua caminhada a partir das paróquias e comunidades, para uma pastoral juvenil especificamente inserida no seu próprio meio, no qual o jovem irá, de forma organizada, contribuir com a evangelização de seu espaço de convivência cotidiana. Na proposta operacional estavam presentes seis elementos: 1) formação integral; 2) metodologia de trabalho; 3) opção preferencial pelos jovens empobrecidos; 4) espiritualidade relacionada com a vida; 5) organização; 6) estratégia para a ação (CNBB, 1983). Ocorre que, na década de 1980, impulsionada pela conjuntura de intensa presença dos movimentos sociais no cenário político, a PJB enfatiza seu processo de formação na dimensão política, inserindo seus jovens no contexto de lutas sociais, acompanhando os passos das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e das pastorais sociais que tiveram presença importante no processo de transição democrática.

A ação da PJB ocorre em três dimensões complementares: na própria PJ; na comunidade; e nos meios específicos ou organismos intermediários, como partidos, movimentos e associações. Nos anos 1980, a caminhada do jovem era definida a partir de três momentos: 1) participação na PJ geral da comunidade e paróquia, com prática assistencialista; 2) engajamento individual no meio social em que ele está inserido; 3) inserção em um grupo dentro de seu meio específico (BORAN; DICK, 1983). Esse novo modelo de pastoral de juventude formou uma geração de lideranças que atuam na própria IC e nos movimentos sociais. Todavia, essa construção só foi possível em consequência da adoção de um processo de planejamento participativo que partia da realidade do jovem. Por isso, entender as características do processo de formação da PJB é fundamental para

analisar sua influência no segmento juvenil e também os reflexos da conjuntura social, econômica, política e cultural sobre seu método de ação.

A proposta de formação progressiva, definida pela PJB, afirma que o jovem chega ao compromisso depois de passar por diferentes etapas: 1) nucleação: fase em que o jovem é convidado a participar do grupo e aceita a proposta – momento em que o jovem descobre como é importante e bom viver em grupo; 2) iniciação: fase das descobertas das variadas motivações que o jovem traz para o grupo – momento de formação, num processo educativo informal; 3) militância: é a fase madura do jovem no grupo, na qual este se apresenta com uma fé amadurecida, com compromisso e como uma liderança (CNBB, 1998). “A militância exercida pelo jovem cristão define-se como aquela ação cada vez mais refletida, intencionada, consciente, contextualizada e organizada, visando a promover uma renovação na Igreja e uma transformação na sociedade” (CNBB, 1998, p. 156). As fases de iniciação e militância podem ser divididas em etapas mais detalhadas que passam pela descoberta do grupo; descoberta da comunidade; descoberta do problema social; descoberta da necessidade de uma organização mais ampla; descoberta das causas estruturais (análise social); descoberta da militância (opção vocacional); e descoberta das etapas percorridas (maturidade pedagógica) (CNBB, 1998).

Na etapa de descoberta do grupo, as relações pessoais são mais importantes que a doutrina, já que o jovem está mais preocupado consigo mesmo. O grupo ainda não é um grupo de fato, pois ainda não estabeleceu um ideal grupal, havendo muita rotatividade de participantes. A descoberta da comunidade dá ao jovem uma visão mais ampla da religião e um sentido de pertencimento à Igreja. Essa noção é o elemento fundamental da fé cristã que tem como principal característica a vivência religiosa comunitária. Na descoberta do problema social, o jovem toma consciência de problemas muito piores que os seus. Esse despertar social leva-o a participar de campanhas para ajudar os pobres, a visitar orfanatos, hospitais, presídios. Ao fazer a descoberta de uma organização mais ampla, o jovem descobre a PJB. Nesse momento o jovem é incentivado “a largar as muletas e caminhar com suas próprias pernas”. Nessa fase de amadurecimento, o jovem passa a tomar consciência do mundo em que vive e descobre as causas estruturais que provocam a desigualdade na sociedade. Surge a consciência de classe e se descobre a exploração pela qual passam as classes populares. O jovem é convidado a aprofundar sua opção pelos

pobres e unir fé e vida como elementos de um mesmo conteúdo. “Nesta etapa, acentua-se a importância da dimensão política da fé. O jovem entende que é necessário conscientizar o povo e chegar ao poder político para mudar a sociedade” (BORAN, 1994, p. 204. Cf. também p. 212, 219-221, 226, 242).

A partir desse momento há a descoberta da militância e o aprofundamento do compromisso. Boran identifica três níveis de engajamento: na própria PJB, participando da preparação de subsídios, organizando cursos, festivais de música, preparando assembleias de avaliação e planejamento, coordenando reuniões; na comunidade, na catequese de crisma, na preparação da liturgia das missas, preparando festas da paróquia, novenas e boletins paroquiais; na sociedade, participando de partidos políticos, sindicatos, movimento estudantil, movimentos populares, organizações de bairros dentre outros órgãos de organização social. Na última fase, o jovem faz a descoberta das etapas percorridas. É o momento de maturidade pedagógica. O militante torna-se mais realista e menos vanguardista e com capacidade de trabalhar com iniciantes sem queimar etapas. Boran afirma que a educação por etapas não significa necessariamente um processo cronológico na qual uma etapa sucede a outra. Várias etapas podem coincidir, sendo possível também que alguns jovens pulem certas etapas em decorrência das particularidades de sua educação. Portanto, as etapas descritas acima correspondem a um processo metódico da PJB, cujas etapas nem sempre são identificadas na realidade (BORAN, 1994).

Oliveira (2002) também define as fases de crescimento do jovem no grupo a partir de cinco etapas: 1) de socialização, correspondente aos primeiros contatos com o grupo, na qual ocorre o fortalecimento da coesão grupal; 2) de aprofundamento, momento em que o jovem vai conhecendo o projeto de Deus e amadurecendo sua fé; 3) de comunhão, o jovem descobre que é parte da Igreja e assume tarefas na comunidade; 4) de descoberta, em que o jovem avança na sua consciência por meio dos debates e ações do grupo; 5) de militância, momento do engajamento e comprometido do jovem na Igreja e na sociedade. Essas etapas são percorridas individualmente pelos jovens, já que dentro de um mesmo grupo esse processo ocorre de forma desigual.

O processo de conscientização do jovem é pensado a partir de etapas que passam pela descoberta da situação social por meio dos fatos na vida dos jovens, descoberta progressiva de suas causas e consequências, descoberta do conflito de classes e da

consciência de pertencer a uma classe social, descoberta das engrenagens de dominação da sociedade capitalista e descoberta da necessidade de uma organização para enfrentar os problemas dessa sociedade de dominação. Esse caminho leva o jovem a entender a importância da PJB em seu processo de ação, que também passa por fases, começando pela conscientização: momento em que surgem questionamentos a partir de fatos, causas e consequências; fase de mobilização: surgimento de um processo de organização, de se juntar as pessoas que pensam da mesma maneira; fase do projeto concreto: busca-se uma ação conjunta e concreta no meio; fase de articulação em nível mais amplo com participação ativa; até chegar à fase do compromisso político, na qual há uma ação organizada com repercussões mais amplas e soluções também amplas (BORAN, 1982). Nesse contexto, o jovem e os grupos desenvolvem critérios de participação na sociedade decorrentes do compromisso de fé. Estabelece-se que o povo é agente de seu processo de formação e que na construção de uma nova sociedade deve haver democracia em todos os níveis. Descobre-se que não há duas histórias, da salvação e profana, mas uma única história na qual o cristão, em conjunto com outros segmentos sociais, deve ser o sujeito da transformação. A PJB busca construir uma consciência crítica junto aos jovens para que eles percebam na sociedade a mentira, a meia verdade, a manipulação e a demagogia. Trabalha-se para que eles sejam sujeitos de sua própria educação e formação e para que participem – como sujeitos conscientes – da construção da história e da transformação da sociedade injusta (BORAN, 1982).

No final da década de 1980, a PJB vivenciou momentos de intenso engajamento social e político, participando dos vários processos desencadeados naquele período: eleições, constituinte, governo civil. No entanto, no período seguinte começou a viver uma crise de perspectivas, em decorrência do fortalecimento da presença do movimento pentecostal/carismático no interior da IC e também em virtude das profundas mudanças que o cenário nacional e internacional passava naquele momento: queda do Muro de Berlim, fim da União Soviética, vitória da direita nas eleições de 1989, crise da modernidade e desenvolvimento do neoliberalismo no Brasil. Essa nova conjuntura influencia diretamente o processo de formação das pastorais.

2 As mudanças no processo de formação

Em meados dos anos 1990, a PJB em mutirão, reelaborou seu marco referencial, que foi publicado pela Editora Paulus como Estudos da CNBB, n. 76, *Marco referencial da Pastoral da Juventude do Brasil*. Nesse marco, principal referência no método de formação nas décadas de 1990 e 2000, a PJB estabelece e reafirma as seguintes opções pedagógicas: trabalho com pequenos grupos de base; formação progressiva, integral e libertadora; atuação nos meios específicos – paróquia, escola, zona rural, periferia; organização estruturada nacionalmente; assessoria jovem e adulta para orientar as coordenações; atividades de massa; apoio das instituições que trabalham temas juvenis; e o método ver-julgar-agir.

Grupo de base. O grupo de jovens é a experiência e o espaço central da proposta pedagógica e evangelizadora da PJB que propõe a formação de pequenos grupos, de idade homogênea, com nível de participação estável e com ritmo periódico de reuniões (CNBB, 1998). O grupo facilita a criação de laços profundos de solidariedade, permitindo partilhar critérios, valores, visões e pontos de vista. Dessa forma, o grupo ajuda a enfrentar os desafios da vida, educando o jovem para olhar a realidade e descobri-la junto com os outros. O trabalho em grupo permite a adesão ao projeto de Jesus, impulsionando o jovem para uma renovação permanente do compromisso cristão, além de dar solidez à sua missão (CELAM, 1997).

O grupo de jovens possui algumas etapas de desenvolvimento, que são: 1) *Nascimento e infância.* Nessa etapa, o grupo depende, em tudo, do assessor e de valores e expectativas trazidas pelos participantes. É muito frágil no início, sendo fundamental a presença do assessor. Nesse momento, o grupo está centrado em si mesmo e cada jovem busca encontrar soluções para seus problemas. 2) *Adolescência.* Essa é a fase de crise, conflito, passagem e mudança, em que ocorre o crescimento e tomada de consciência do grupo e seu lugar na comunidade. 3) *Juventude.* Nessa etapa, o grupo se apresenta com maior segurança e estabilidade. Também ocorre maior independência em relação ao assessor. O jovem, nesse momento, começa a se engajar em movimentos sociais e populares, superando a esfera da comunidade, na busca pela mudança da sociedade. 4) *Idade adulta.* O grupo que alcança essa etapa é uma verdadeira equipe de vida, com fortes

relações e projeto de vida definido. Os jovens, assim, estão a serviço da comunidade e da sociedade, sendo a partilha e a troca de experiências a razão de ser do grupo (CNBB, 1998).

5) *Morte – vida nova*. O grupo não pode existir para sempre. Nessa fase, o grupo é chamado a se dividir e se multiplicar na comunidade e na sociedade, gerando novos grupos e novos trabalhos (CELAM, 1997).

Para o CELAM, o grupo de jovens é a experiência central pelo fato de pretender acompanhar o jovem em seu processo de discernimento, ajudando-o a construir uma “identidade positiva”. Além disso, o grupo possibilita o amadurecimento da fé, do entendimento da mensagem evangélica e da missão do jovem, contribuindo para que ele assuma seus compromissos nos diferentes meios da sociedade (CELAM, 1997).

Os grupos das pastorais possuem as seguintes características: são formados por 15 a 20 jovens e todos se conhecem. São grupos de amigos que partilham a vida. Esse contexto faz despertar o espírito de liderança, pois todos têm função no grupo, que age para fora, na comunidade. Suas atividades dão consciência crítica para os jovens, que, atuando na realidade em que vivem, possuem uma ação transformadora (BORAN, 1982). O autor afirma que o grupo precisa ter coesão, objetivos claros e metodologia elaborada. O autor insiste na importância do grupo de base. Segundo ele, o funcionamento da reunião do grupo é o eixo de toda a formação e engajamento do jovem na Igreja e na sociedade.

Para John Burdick (1998, p. 8), o projeto de formação da TL, da IC progressista em geral e da PJB em particular, busca “incitar a consciência do povo apresentando-lhe uma visão utópica”, sendo que as componentes-chave da consciência são a “autovalorização” e a “autoestima” que permitem às pessoas agir para seu próprio bem. O pecado deve ser visto numa ótica social e coletiva, sendo sua superação parte do processo de conscientização. Entretanto, Burdick (1998) afirma que há vários limites no discurso da TL e nas práticas de seus membros, que levam à problematização da proposta de conscientização. O autor faz algumas considerações acerca dos círculos bíblicos das comunidades católicas progressistas, que podem ser utilizados para analisar o modelo de grupo de jovem da PJB. Nos círculos bíblicos, por conta do alto grau de proximidade entre as pessoas, evita-se “fazer conexões concretas entre a Palavra ‘e a vida’, pois estas só servem para lembrar a todos os ressentimentos, os julgamentos, os mexericos, e as rivalidades que impregnam a vizinhança” (BURDICK, 1998, p. 151).

Ocorre também que nos círculos bíblicos os menos alfabetizados se sentem inibidos de falar, criando uma concentração dos discursos em alguns poucos líderes. “Apesar das pretensões de que ‘todos tenham voz ativa’ nos círculos, de fato, somente um ou outro fala” (BURDICK, 1998, p. 152). Os mesmos problemas ocorrem em muitos grupos de jovens da PJB e isso dificulta o desenvolvimento do método de formação e das práticas democráticas descritas por Boran sobre os grupos de jovens.

Formação progressiva, integral e libertadora. A PJB tem a proposta de trabalhar junto ao jovem a formação integral, que pressupõe estabelecer uma relação entre todas as dimensões humanas, que são desenvolvidas de maneira homogênea e integrada. Uma formação integral é aquela que envolve todos os aspectos da vida: pessoal, social, política, teológica e metodológica. A PJB afirma que o crescimento e amadurecimento devem ser equilibrados em todas essas dimensões, pois em diversas propostas de formação há o perigo do reducionismo na promoção de apenas algum aspecto, como, por exemplo, o aspecto psicológico, o espiritualista ou o político. Dessa forma, o ser humano deve ser entendido em sua totalidade, pois assim se consegue aprimorar a espiritualidade e assumir concretamente a proposta de Jesus Cristo, objetivo principal da proposta católica de formação. O conceito de formação integral, estabelecido a partir das relações que o indivíduo desenvolve na sociedade, é dividido em cinco momentos (CNBB, 1998):

- a) *Dimensão da personalização:* a dimensão pessoal corresponde ao universo psicoafetivo do ser humano, compreendendo o aspecto do eu, da relação consigo mesmo. É o espaço da busca constante de resposta à pergunta: “Quem sou eu?”. Nessa dimensão, a PJB propõe que o jovem faça suas opções de valores, assumindo-os em sua vida. A PJB afirma ainda que há a necessidade de a pessoa ter um conhecimento de si mesma para amadurecer afetivamente e construir uma formação positiva da personalidade e acolhimento da própria vida. Dessa forma, ela define que para cultivar a dimensão pessoal é necessário procurar conhecer-se, aceitar-se e assumir a si próprio. Deve-se cultivar o olhar interno, desenvolvendo seus sentimentos e interesse com relação aos outros. Também é preciso desenvolver suas aptidões e qualidades para superar os limites pessoais e não se apegar às barreiras da vida, transformando-as em trampolins na busca da felicidade.

- b) *Dimensão da integração grupal e comunitária*: Corresponde à dimensão social da vida, da relação com o outro na busca da integração grupal e comunitária. É o momento de descoberta do grupo como lugar de encontro e de compreensão do outro como um ser diferente. O jovem descobre que precisa do grupo para se sentir importante e útil. Aprende que o relacionamento é algo fundamental para o ser humano. Dessa forma, toma a experiência comunitária como referência para sua vida, realizando-se como pessoa na relação com o outro. Para a PJB, essa dimensão ensina ao jovem a lidar com o conflito e a conviver com quem pensa diferente. Reconhece os valores dos outros, as diversidades e os limites de cada um. Passa a ver as pessoas como algo mais importante que as normas, os objetos e as coisas. Cresce e amadurece nessas relações, descobrindo que a educação na fé é concebida como caminho a ser percorrido comunitariamente.
- c) *Dimensão sociopolítica*: relação com a sociedade. É o momento de inserção do jovem na sociedade e da sua participação cidadã. A PJB afirma que a promoção do bem comum e a construção de uma ordem social, política e econômica humana, justa e solidária, devem ser para o jovem um compromisso de fé. A política é compreendida não somente como política partidária, mas entende que a política significa uma dimensão da formação humana, que busca uma relação madura com a sociedade. A PJB propõe que a política deve ser interpretada pelos cristãos como a arte de administração da convivência dos cidadãos, sendo a participação da juventude de fundamental importância para que ocorram as mudanças na sociedade e na IC. Portanto, esse é o momento de socialização e inserção do jovem na sociedade, na perspectiva de uma formação para a cidadania que considere os deveres e os direitos que todos devem ter, para a construção de uma sociedade justa, livre e igualitária. Logo, no processo de formação das pastorais, fazer política é um dever humano, sendo concebida como algo positivo na vida do cristão que tem como missão utilizá-la como um instrumento de organização da “Civilização do Amor”.
- d) *Dimensão mística e teológica*: corresponde à dimensão da relação com Deus. Dimensão da manifestação e presença do Pai na vida, na qual ocorre um

crescimento na fé a partir da vivência e fundamentação comunitária cristã. Para a PJB, ao fazer o jovem vivenciar sua experiência de fé, essa experiência faz com que ele passe a viver como um autêntico cristão. Nas pastorais, essa dimensão ajuda o jovem a fazer a opção pelo seguimento de Jesus Cristo, assumindo sua pessoa e seu projeto. Há um encontro com Jesus e o desenvolvimento de uma espiritualidade centrada em sua proposta. Nesse momento do processo de formação, descobre-se que o sentido da vida está na experiência do seguimento e passa-se a discernir a ação do Espírito Santo nos sinais dos tempos. Busca-se uma experiência de Deus com uma compreensão teórica e prática da própria fé. O cristão deve assumir um compromisso radical de viver os valores do Evangelho, mantendo o contato com a palavra de Deus e uma vivência comunitária. A PJB propõe que é preciso integrar fé e vida, transformando a experiência da vida em experiência de fé e afirmando que o jovem precisa tomar mão de alguns instrumentos que possibilitem o cultivo de sua fé. A *Bíblia* é fundamental nesse processo, mas é preciso o auxílio de outros materiais que ajudem a dinamizar a relação com Deus. Por isso, propõem-se a utilização do *Ofício Divino das Comunidades*⁴ e da “Leitura Orante da *Bíblia*”⁵, que devem ser vistos como livros de referência para a formação da espiritualidade do jovem na IC.

- e) *Dimensão metodológica*: diz respeito à estratégia metodológica do jovem, com relação à ação, em seu processo formativo dentro das dimensões anteriores. É a dimensão da capacitação técnica do jovem para o planejamento, desenvolvimento e avaliação da ação transformadora. A PJB propõe que o jovem se capacite constantemente para o seu trabalho pastoral. A relação com a ação refere-se às habilidades de liderança, que devem ser desenvolvidas no processo de crescimento da fé, fundamentais na preparação para a vida. Nesse processo, torna-se necessário ter capacidade de planejar, desenvolver e avaliar a ação, pois estar preparado para a ação permite ao cristão avançar em sua maturidade religiosa, social, pessoal e política. O jovem precisa refletir sua ação para realizar sua missão evangelizadora

⁴ Livro de oração dos grupos de Pastoral da Juventude.

⁵ Metodologia de leitura da *Bíblia* a partir da *Lectio Divina* que pressupõe quatro momentos: leitura, meditação, oração e contemplação. Esse método é incorporado a partir da segunda metade da década de 1990.

com eficiência. No mundo juvenil o exemplo é mais importante que a palavra, por isso, o cristão precisa ser profissional na evangelização, preparando sua ação e sendo o primeiro responsável por sua formação. Essa dimensão é fundamental na proposta de formação da PJB.

Em cada etapa de formação em que se encontra o jovem no grupo, há uma acentuação diferenciada em determinadas dimensões. Dessa forma, na PJB o cristão deve vivenciar de forma conjunta as cinco dimensões da formação integral, para alcançar sua maturidade e ser feliz na sua missão na Igreja e na sociedade. Portanto, a partir dessa proposta de formação integral, conclui-se que as pastorais trabalham com a concepção que proporciona a continuidade e a conscientização, procurando entender o ser humano como um todo.

Todavia, na década de 1990, em decorrência da ênfase na dimensão política dada na década de 1980 e das consequências do advento da perspectiva individualista na contemporaneidade, ocorre a predominância da formação nas dimensões pessoal e teológica em virtude dos vários acontecimentos apresentados neste artigo. O excesso de busca de dados de subjetividade escamoteia relações sociais profundas, esvaziando o sentido de ser igreja enquanto relação social. A consequência desse processo é o deslocamento da política pastoral, voltada ao coletivo e às questões sociais, para a ação pastoral com viés individualista, consumista, com um Deus e Jesus Cristo etéreo, espiritualista, sem carne e sem corpo.

Os meios específicos. A sigla PJB surge na assembleia de 1995 para significar a união das pastorais específicas: PJ, PJE, PJR e PJMP, pois os meios privilegiados de trabalho são as comunidades paroquiais, a escola, o bairro popular e o meio rural (CNBB, 1998).

A Pastoral da Juventude (PJ) corresponde aos grupos das paróquias e das CEBs, das grandes cidades ou do interior, sendo a maior e também a mais articulada e estruturada dentre as pastorais específicas. Sua atuação na comunidade eclesial e nas paróquias enfatiza a ação do jovem no interior da IC. Portanto, grande parte dos jovens da PJB está inserida em trabalhos eclesiais como catequese e liturgia, sendo que se prioriza o trabalho de formação bíblica e litúrgica da juventude.

A Pastoral da Juventude Rural (PJR) está ligada à problemática da terra: questão agrária e ecológica. Atinge jovens agricultores, filhos de pequenos trabalhadores rurais, sem-terra, peões, arrendatários, assalariados, safristas e boias-frias. A PJR surge em 1983 no Rio Grande do Sul, com o apoio da Frente Agrária Gaúcha. Sua primeira Assembleia Nacional ocorreu em 1989 (MG), contando com a participação de 11 regionais da CNBB (PIERDONÁ; FURLANETTO; SOUZA, 1990).

A Pastoral da Juventude do Meio Popular (JMP) é a articulação dos jovens da classe trabalhadora urbana, que se organiza a partir do meio social: jovens que atuam nos movimentos populares, nos partidos comprometidos com a causa popular, nos sindicatos, no teatro popular, nos grupos de cultura e dança. A PJMP surge em 1978 num encontro interregional de animadores, jovens e adultos, da PJ do Nordeste. Essa pastoral específica busca articular jovens das classes populares, ajudando-os a se reconhecer como membros de uma classe explorada. No início dos anos 1980 a PJMP argumentava que era pedagogicamente equivocado reunir, em um mesmo grupo, jovens de classes sociais diferenciadas, pois os mais abastados acabam por dominar o grupo. Os jovens das classes populares deveriam se articular entre si para desenvolver sua consciência de classe e buscar sua libertação (PIERDONÁ; FURLANETTO; SOUZA, 1990).

A Pastoral da Juventude Estudantil (JE) tem sua militância no espaço educacional, organizando o jovem na escola, no bairro, nas atividades estudantis e na política estudantil: movimento estudantil, grêmios (CNBB, 1998). A PJE era conhecida no início como pastoral secundarista e, a partir de 1984, passa a se chamar Pastoral da Juventude Estudantil. Surge no Brasil em 1980, por estímulo do Movimento Internacional de Estudantes Cristãos, através de seu Secretariado latino-americano (PIERDONÁ; FURLANETTO; SOUZA, 1990).

Organização Nacional. A partir da 11ª Assembleia Nacional (1995), a PJB passa a ter uma organização paritária entre as pastorais específicas, ficando estruturada da seguinte forma: Setor de Juventude da CNBB; Pastoral da Juventude do Brasil; Assembleia Nacional; Comissão Nacional de Jovens; Secretaria Nacional; Comissão Nacional de Assessores; Assessoria Nacional do Setor de Juventude; Coordenação Nacional da PJ, PJE, PJMP, PJR, todas com organização própria. Dentro das organizações de cada pastoral há

uma estrutura que parte das coordenações nacionais, passando pelas direções regionais e diocesanas, até chegar ao grupo de base.

A organização existe em vista da missão. A missão é ir ao encontro dos (as) jovens e convocá-los para caminhar juntos, respeitando os seus interesses na organização dos núcleos ou grupos [...] A organização exige respeito às diferenças, isto é, ao meio específico onde vivem os jovens: rurais, indígenas, urbanos, escolas, migrantes, universidades [...] (PLANO TRIENAL 2002 – 2004, 2001, p. 35).

Nessa perspectiva, a PJB define alguns princípios que norteiam e justificam sua organização. Segundo ela, essa estrutura possibilita uma distribuição de tarefas, como forma de educar para o trabalho em conjunto; evita a diluição das responsabilidades; possibilita o conhecimento das diferentes realidades, para clarear os rumos; supera o espontaneísmo e evita o ativismo; possibilita a revisão da prática e da vida; está em sintonia e vinculada com a base (CNBB, 2001). Todavia, essa estrutura provocou a disparidade entre a base e as lideranças, pois nessa organização não estão representados adequadamente o conjunto dos grupos de jovens presentes nas paróquias, as comunidades católicas e os grupos específicos espalhados pelo Brasil. Priorizou-se a representação por especificidades em detrimento da representação numericamente proporcional das bases.

A nova estrutura organizacional gerou debates intensos entre as pastorais e uma crise que perpassou as assembleias seguintes. Essa situação culminou na decisão da 15ª Assembleia Nacional, ocorrida em 2008 no Distrito Federal, de extinguir os encontros nacionais entre todas as pastorais. Daí em diante, cada uma ficou responsável pela organização de seu próprio encontro.

Paralela à estrutura nacional, foi criada em 1996, no 16º Seminário Nacional da PJB, que teve como tema “Atuação Político-Partidária na Construção da Cidadania”, a Rede de Militantes da Pastoral da Juventude do Brasil – Rede Minka. Esse encontro foi considerado um “marco histórico para a PJ do Brasil e o início de um acompanhamento sistemático e em REDE dos militantes jovens cristãos do mundo da política” (PJB, 1996, p. 96). O objetivo da Rede é organizar e articular os jovens da PJB nos movimentos sociais, sindicatos, ONGs e partidos políticos, além de promover debates relacionados às políticas públicas para a juventude. No entanto, em virtude da conjuntura dos anos 1990, a Rede

Mínka, apesar de ser referência para os temas relacionados à política, teve pouca expressão na sociedade e mesmo no interior do catolicismo.

Assessoria. O papel do assessor na PJB é o de motivar, acompanhar, orientar e integrar a contribuição e a participação dos jovens na IC e na sociedade. O assessor deve saber escutar mais do que falar. É capaz de dar lugar ao jovem, para que ele cresça no seu protagonismo (CNBB, 1998). Os assessores das pastorais são, em sua maioria, padres, freiras, religiosos e leigos especializados na questão juvenil. Esses agentes, que possuem papel parecido com o que tinham os assistentes na Juventude Estudantil Católica (JEC), são os responsáveis pela condução dos processos decisórios na PJB e pelo desenvolvimento do método de formação.

Atividades de massa. A Semana da Cidadania, que ocorre no mês de abril e discute o tema da Campanha da Fraternidade na ótica juvenil, e o Dia Nacional da Juventude, comemorado no mês de outubro, são as principais atividades de massa da PJB. Essas atividades almejam dar visibilidade e propagandear os trabalhos das pastorais nas regiões. São momentos que reúnem centenas e até milhares de jovens para celebrar e festejar a história da pastoral e os resultados alcançados no processo de evangelização.

Apoio das instituições. A PJB tem como estrutura de apoio os centros e institutos de pastoral da juventude como, por exemplo, Instituto de Formação do Norte (Aiaká), em Manaus-AM; Casa da Juventude Pe. Burnier (Caju), em Goiânia-GO; Centro de Capacitação da Juventude (CCJ), Centro Pastoral Santa Fé, Centro de Pastoral de Juventude “Anchietanum” e Centro Paulista de Juventude (CPJ), em São Paulo-SP; Centro Marista de Pastoral, em Montes Claros-MG; Centro Marista de Pastoral, em São Vicente de Minas-MG; Instituto de Pastoral de Juventude Leste II, em Belo Horizonte-MG; Centro Marista de Pastoral, em Colatina-ES; Centro Marista de Pastoral, em Natal-RN; Centro Marista de Pastoral, em Palmas-TO; Instituto de Formação Juvenil do Maranhão, em São Luís-MA; Trilha Cidadã, em São Leopoldo-RS; e Instituto de Pastoral de Juventude (IPJ)⁶, em Canoas-RS. Essas instituições formam a Rede Brasileira de Institutos de Juventude. Jornais e revistas, como o *Jornal Juventude* e o *Mundo Jovem*, informativos e subsídios também

⁶ O IPJ-POA teve um importante papel no processo de formação de assessores jovens e adultos para as pastorais da juventude. Todavia, após ser transferido de Porto Alegre para a cidade de Canoas-RS, foi recentemente desativado.

contribuem para os trabalhos da PJB. Os institutos prestam um importante serviço que possibilita o desenvolvimento criterioso dos trabalhos com juventude. Há, inclusive, a iniciativa de levar o tema juventude para a universidade, como acontece, por exemplo, com o IPJ, que estabeleceu um convênio com a Universidade Vale do Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul, para desenvolver uma especialização, i. e., pós-graduação *lato sensu*, sobre o tema. Esse curso de especialização ocorre atualmente em Goiânia, sob a coordenação da Caju e a chancela da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte-MG.

Método ver-julgar-agir. A essência da proposta de formação da PJB está no método ver-julgar-agir, herdado da ACE, ao qual a PJB acrescenta mais dois momentos: revisar-celebrar. Esse método baseia-se na realidade da vida dos jovens (VER), confrontando com os valores da fé (JULGAR), partindo para uma ação de transformação do meio (AGIR) (OLIVEIRA, 2002). O momento do VER significa a tomada de consciência da realidade, a partir dos fatos concretos da vida cotidiana. O JULGAR analisa os fatos da realidade à luz da fé, da vida e da mensagem de Jesus Cristo. A *Bíblia* e os documentos da Igreja Católica são os instrumentos utilizados para confrontar a realidade. O AGIR é a concretização, a ação transformadora, momento que evita que a reflexão fique no abstrato. O REVISAR é a avaliação, momento de ver até onde se caminhou. O CELEBRAR é o momento de agradecimento da experiência vivida (CNBB, 1998).

Com o método, nós queremos: formar líderes que se engajem na transformação de seus meios (escola, trabalho, bairro, família), educar para a liberdade, formar para o senso crítico, desenvolver a pedagogia da formação na ação, ligar fé e vida e poder avaliar a caminhada dos grupos (OLIVEIRA, 2002, p. 118).

Esse método se concretiza na Revisão de Vida e Revisão de Prática, que consiste num processo que deve se transformar num estilo de vida para os jovens (CNBB, 1998). Com essas opções pedagógicas definidas, a PJB afirma que pode contribuir para a viabilização de um sonho de toda Igreja progressista, compartilhada pelos movimentos sociais, sindicatos e partidos de esquerda, que é a construção de outra sociedade chamada pelos cristãos da libertação de *Civilização do Amor*. As opções pedagógicas assumidas pela PJB levaram-na a assumir em seu processo histórico a opção política defendida pela Igreja Progressista na América. Assim, a PJB pode ser concebida como a ação da IC, por meio da qual se ajuda os jovens a descobrir, a assimilar e se comprometer com a pessoa de Jesus e

sua mensagem. Busca-se construir uma Igreja que tenha um perfil celebrativo, participativo, que opte pelos pobres, que seja libertadora e solidária, contribuindo, assim, para a construção de uma sociedade justa e igualitária. Todavia, o que se mostra aqui são as mudanças ocorridas nessa concepção pedagógica de evangelização juvenil e a consequente redefinição das opções políticas.

Considerações finais

Diante do exposto neste artigo, afirma-se que a grande diferença dos anos 1980 para os anos 1990 está na ação das pastorais que é redirecionada para o trabalho no interior da IC, com uma guinada da ação que sai da questão política e se volta para a questão da cultural de maneira relativizada, provocando um esvaziamento do sujeito que dificulta o diálogo e práticas democráticas no interior da IC.

A PJB é levada a assumir uma perspectiva subjetiva da vida e de privatização dos interesses do indivíduo, ou seja, as necessidades coletiva e política, presentes nos anos 1980, cederam lugar para o pessoal e cultural. Se nas décadas anteriores a prioridade era o social e o político, com forte participação na sociedade civil, a década de 1990 inverte esse processo e propõe uma ação voltada para o cotidiano e para o pessoal. A preocupação com a afetividade e a sexualidade ganha espaço na formação pastoral, que passa a desenvolver seu método pedagógico nessa perspectiva. As opções políticas continuam as mesmas, isto é, a PJB continua defendendo a construção de uma nova sociedade, chamada pelo Cristianismo da Libertação de *Civilização do Amor*. Todavia, a ação é diferenciada: busca-se o equilíbrio entre política e espiritualidade, entre coletivo e pessoal. No entanto, a tentativa de equilíbrio desencadeou uma prática mais eclesial, mais pessoal, comprometida com a resolução de problemas individuais.

A ação atual das pastorais da juventude está sendo desenvolvida a partir de uma nova realidade eclesial, visto que a organização individual das pastorais nas paróquias e dioceses passou a ser questionada pela CNBB, em documento produzido em 2007. Se nos anos 1980 havia o documento n. 44, intitulado *Pastoral da Juventude do Brasil*, nos anos 1990 havia o documento n. 76, chamado *Marco Referencial da Pastoral da Juventude do*

Brasil, que dava sustentação ao programa de evangelização desse setor católico; nos anos 2000 foi publicado o documento n. 93, *Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais* que propõem, entre outras coisas, uma reorganização dos jovens nas paróquias e dioceses.

O documento sugere que os jovens das pastorais e movimentos sejam articulados a partir do chamado “Setor Juventude” que procura reunir todas as sensibilidades (ou tendências) católicas em um único espaço eclesial. Essa proposta tem reduzido o espaço de atuação das pastorais identificadas com a Teologia da Libertação, visto que no interior do “Setor Juventude” também estão presentes as juventudes do movimento carismático e as juventudes identificadas com os Cursilhos de Cristandade⁷, todas com atuação conservadora. Todavia, ainda não é possível avaliar mais profundamente os desgastes causados nas pastorais da juventude por essa nova proposta de organização assumida pela Igreja no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALTOÉ, A. (Org.). **Metodologia & Método: uma contribuição à Pastoral da Juventude**. São Paulo: CCJ, 1988.
- BORAN, J. **Juventude, o grande desafio**. São Paulo: Paulinas, 1982.
- BORAN, J. **O futuro tem nome: juventude**. São Paulo: Paulinas, 1994.
- BORAN, J.; DICK, H. **Pastoral da Juventude no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1983.
- BURDICK, J. **Procurando Deus no Brasil: a Igreja católica progressista no Brasil na arena das religiões urbanas brasileiras**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- CADERNOS DE ESTUDOS DA PJB. **Os cristãos e a militância política**. São Paulo: CCJ, n. 1, 1986.
- CADERNOS DE ESTUDOS DA PJB. **Dimensão da Formação Integral**. São Paulo: CCJ, n. 2, 1987.
- CADERNOS DE ESTUDOS DA PJB. **Igreja: freio ou acelerador?** São Paulo: CCJ, n. 7, 1992.

⁷ Os principais grupos herdeiros dos cursilhos são: Treinamento de Lideranças Cristãs, Escalada da Juventude Vicentina etc.

CADERNOS DE ESTUDOS DA PJB. **Eu quero ver o novo no poder:** mandato popular e democratização do poder local. São Paulo: CCJ, n. 11, 2000.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO – CELAM. **Pastoral Juvenil:** si a la civilización del amor. Bogotá: Celam, 1987. (Coleção Documentos Celam, n. 93).

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO – CELAM. **Civilização do Amor:** tarefa e esperança – orientação para a pastoral da juventude latino-americana. São Paulo: Paulinas, 1997.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. **Pastoral da Juventude do Brasil.** São Paulo: Paulus, 1983. (Coleção Estudos, n. 44).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. **Marco referencial da Pastoral da Juventude do Brasil.** São Paulo: Paulus, 1998. (Coleção Estudos, n. 76).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. **Plano trienal 2002-2004.** Brasília (DF): CNBB, 2001.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. **Evangelização da juventude:** desafios e perspectivas pastorais. São Paulo: Paulus, 2006.

DICK, Hilário. **Gritos silenciados, mas evidentes:** jovens construindo juventude na história. São Paulo: Loyola, 2003.

DICK, Hilário. **O Caminho Se Faz:** história da Pastoral da Juventude do Brasil. Porto Alegre: IPJ, 1999.

OFÍCIO DIVINO DAS COMUNIDADES. São Paulo: Paulus, 1994.

OLIVEIRA, R. **Pastoral da Juventude:** e a Igreja se faz jovem. São Paulo: Paulinas, 2002.

PASTORAL DA JUVENTUDE DO BRASIL – PJB. Um jeito novo: atuação político-partidária na construção da cidadania. **Cadernos de Estudos da PJB**, São Paulo, n. 8, 1996.

PIERDONÁ, E.; FURLANETTO, I.; SOUZA, J. O. **História da PJ no Brasil.** Santo Ângelo (RS): Instituto de Pastoral da Juventude, 1990.

PLANO TRIENAL 1996 – 1998. Brasília: Setor Juventude, CNBB, 1995.

PLANO TRIENAL 1999 – 2001. Brasília: Setor Juventude, CNBB, 1998.

PLANO TRIENAL 2005 – 2007. Brasília: Setor Juventude, CNBB, 2004.

PROCESSO DE FORMAÇÃO NA PJ. **Construindo Juntos:** roteiro para grupos de jovens. São Paulo: CCJ, n. 4, 1992.

PROCESSO DE FORMAÇÃO NA PJ. **Fazendo História:** roteiro para grupos de jovens. São Paulo: CCJ, n. 5, 1999.

RELATÓRIOS DOS ENCONTROS NACIONAIS E DAS ASSEMBLEIAS NACIONAIS DE 1973 A 2008.

SOFIATI, Flávio M. Tendências Católicas: perspectivas do cristianismo da libertação. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v.14, n. 26, p. 121-140, Jan. – Jun. 2009.

SOFIATI, Flávio M. Gramsci e as tendências orgânicas do catolicismo brasileiro. **História Agora**, ANPUH, v. 2, n. 11, p. 212-238, Jul. 2011.